

Georges Hébert e a legitimação do esporte no Brasil: notas a partir da imprensa (1920-1930)

RESUMO

As primeiras décadas do século XX constituem, no Brasil, um período marcado por um ímpeto de industrialização, urbanização e modernização. Neste contexto, o esporte começou a despontar como uma prática com grande potencial higiênico, educativo e de sociabilidade, tornando-se símbolo de modernidade entre as elites e os intelectuais brasileiros. Estes grupos frequentemente publicavam artigos em defesa do esporte em distintos periódicos, utilizando distintos autores para legitimar estas práticas, entre eles Georges Hébert, conhecido atualmente por sua crítica à prática esportiva como um fim em si mesmo e como espetáculo. O objetivo deste artigo é compreender a recepção da obra de Hébert e seus usos na discussão sobre o esporte em periódicos de grande circulação publicados no Brasil entre 1920 e 1930. Observa-se nestes periódicos certo entusiasmo com a obra e as proposições hebertistas, mas, principalmente, usos e abusos de seu nome como argumento de força para legitimar a prática esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: História do esporte; Georges Hébert; Imprensa

Carolina Nascimento Jubé

Doutorado em Educação - Unicamp
Universidade Federal de Goiás, Colégio de Ensino e
Pesquisa aplicada à Educação, Goiânia, Brasil
caroljube@gmail.com e caroljube@ufg.br
 <https://orcid.org/0000-0002-7160-5336>

Evelise Amgarten Quitzau

Doutorado em Educação - Unicamp
Instituto Superior de Educación Física, Centro
Universitario Litoral Norte – sede Paysandú, Universidad
de la Republica, Paysandú, Uruguay
equitzau@cup.edu.uy
 <https://orcid.org/0000-0001-9789-6488>



Georges Hébert and the legitimation of sport in Brazil: observations based on the press (1920-1930)

ABSTRACT

The first decades of the 20th century in Brazil are a period characterized by an impulse for industrialization, urbanization and modernization. In this context, sport began to emerge as a practice with great hygienic, educational and social potential, becoming a symbol of modernity among Brazilian elites and intellectuals. These groups frequently published articles in different journals defending sports. Among the many authors they used to legitimate these practices there was Georges Hébert, currently known for his strong criticism regarding sports practice as an end in itself and as a spectacle. In this sense, this paper aims at comprehending the reception of Georges Hébert's work and its uses in the discussions about sports that was present in different journals published between 1920 and 1930. We can observe certain enthusiasm with Hébert's work and propositions, but mainly uses and abuses of his name as a powerful argument to legitimize sports practice.

KEYWORDS: Sport history; Georges Hébert; Press

Georges Hébert y la legitimación del deporte en Brasil: apuntes a partir de la prensa (1920-1930)

RESUMEN

Las primeras décadas del siglo XX constituyen en Brasil un período caracterizado por un impulso de industrialización, urbanización y modernización. En este contexto, el deporte comenzó a surgir como práctica con gran potencial higiénico, educativo y de sociabilidad, tornándose símbolo de modernidad entre las elites y los intelectuales brasileños. Estos grupos frecuentemente publicaban artículos en favor del deporte en distintos periódicos, utilizando distintos autores para legitimar estas prácticas, entre ellos Georges Hébert, conocido actualmente por su crítica a la práctica deportiva con fin en sí mismo y como espectáculo. El objetivo del presente artículo es comprender la recepción de la obra de Hébert y sus usos en la discusión acerca del deporte en periódicos de grande circulación publicados entre 1920 y 1930. Se observa cierto entusiasmo con la obra y las proposiciones hebertistas, pero principalmente usos y abusos de su nombre como argumento de fuerza para legitimar la práctica deportiva.

PALABRAS-CLAVE: Historia del deporte; Georges Hébert; Prensa

INTRODUÇÃO

O esporte é uma das criações culturais mais marcantes das sociedades ocidentais do século XIX. Concebido na Inglaterra em estreito vínculo com as *public schools* que formavam os filhos da aristocracia britânica, configurava-se como uma nova prática a partir da racionalização e burocratização de distintos jogos populares, dando-lhes uma conformação mais controlada, regida por regras fixas que buscavam cercear os níveis de violência destes jogos ao mesmo tempo em que estabeleciam uma série de comportamentos ideais (obediência, coragem, cooperação, controle de si) que deveriam se expressar durante as partidas na forma de *fair play* (GUTTMANN, 2004; ELIAS, 1992). Se inicialmente estavam vinculados especificamente às *public schools*, como um instrumento de controle e educação da juventude aristocrática, já em meados do século XIX e início do século XX passou a ser apreendido também por outras esferas da sociedade, ganhando novos usos como elemento regenerativo da saúde da população, e como um divertimento considerado adequado para os tempos livres. Ao racionalizar jogos populares, dando-lhes novas características, rompendo com seus usos festivos e tradicionais para transformá-los em elementos educativos e revigoradores, o esporte tornou-se um símbolo de modernidade que, com considerável velocidade, transpôs fronteiras nacionais e foi incorporado por numerosos países, inclusive o Brasil.

Na passagem do século XIX para o XX, o esporte começou a galgar espaço na sociedade brasileira. Em um país em plena efervescência cultural, que recebia grandes levas de imigrantes e começava a estabelecer importantes centros industriais e urbanos, a busca por um ideal de modernidade permeava discursos de distintos âmbitos, especialmente aqueles vinculados à saúde e à higiene. Nesse país que se pretendia moderno, era inconcebível que sua população fosse doente, fraca e fisicamente degenerada. Se já no século XIX a ginástica ocupava um importante espaço nesse ideal de fortalecimento da população (GÓIS JUNIOR; MELO; SOARES, 2015), na virada para o século XX, especialmente a partir da formação de clubes, o esporte passa a ganhar espaço não apenas como divertimento, mas também como possível elemento de educação e cura da população, tornando-se um tema corrente no cotidiano das grandes cidades. Paulatinamente, práticas de divertimento como as corridas de cavalo (acompanhadas de suas apostas), as rinhadas de galo e touradas vão sendo substituídas por práticas esportivas, tais como o remo, esgrima e o futebol, cada vez mais controladas, racionalizadas e burocratizadas, e que passam a constituir um conjunto de divertimentos regrados e permitidos que, por sua vez, contribuíram para o desenvolvimento de um verdadeiro dispositivo esportivo em algumas das principais cidades brasileiras, como demonstram os estudos de Melo (2001), Lucena (2001) e Moraes e Silva (2011).

Os Clubes, as Hípicas, os Velódromos — os lugares de um *sportsman* — que apareciam na imprensa, uma vez que recebiam as práticas esportivas, faziam com que seus frequentadores reproduzissem os hábitos aristocráticos, adotando, assim, o esporte como um elemento de distinção social já no final do século XIX (MARTINS, 2001). Os clubes controlavam estádios, quadras, equipamentos, vendas de ingressos, transmissões e patrocínios, promoviam seus eventos e disseminavam o espetáculo esportivo (MELO et al., 2013, p. 86). O Clube de Regatas Flamengo, por exemplo, marcou a consolidação do esporte na virada para o século XX, refletindo as mudanças que ocorriam na elite carioca. Fundado como uma agremiação de regatas, era frequentado por jovens da alta sociedade envolvidos com a prática do remo, e que, com o tempo, incorporaram, também, a natação e os banhos de mar (MELO, 2010, p. 27-28). A capital carioca tornava-se um expressivo palco para que os esportes, clubes e eventos ganhassem força e visibilidade no país, pois, como metrópole brasileira da virada do século, “o Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade com uma experiência existencial e íntima” (SEVCENKO, 1998, p. 522). A adoção de uma prática esportiva pelos clubes indicava a crescente valorização e representatividade de uma modalidade, bem como o aumento dos interessados por ela.

Segundo Martins (2001), o esporte foi um dos temas favoritos do periodismo brasileiro já desde fins do século XIX. É nesse período que, segundo Cruz (2013, p. 36), “em ritmo acelerado, no compasso de um modo de vida que exporta capitais e invade rapidamente inúmeros espaços do planeta, a história da formação das metrópoles brasileiras multiplica o tempo e a experiência social”, sendo possível observar uma redefinição da cultura letrada, que passa a agregar, além dos homens da elite culta, mulheres, imigrantes, professores, entre outros grupos sociais. Neste sentido, a imprensa passa a ser um importante meio de visibilidade pública de inúmeras práticas culturais, entre elas o esporte. Conforme Martins (2001), é neste momento que começam a circular na cidade de São Paulo, por exemplo, alguns periódicos sobre este tema, como *A Bicicleta* (1896), e seções especializadas em periódicos mais abrangentes, como *A Paulicéia* (1896). A afeição por notícias começava a demandar uma frequência maior de informações sobre os treinos, os *matches*, e os resultados, em particular nos jornais de São Paulo. A primeira década do século XX foi marcada pelo interesse sobre o turfe, a esgrima e o remo, por exemplo, e, com o passar dos anos, o aumento das modalidades esportivas fez surgir seções especializadas em assuntos como automobilismo, ciclismo, boxe, futebol e Educação Física, refletindo, dessa forma, a expansão desse fenômeno na sociedade paulistana. Ampliava-se a divulgação e o consumo e popularizavam-se os assuntos, mas prevaleciam as ideias sobre a função

regeneradora do esporte, que corrigiria defeitos de caráter de uma mocidade que se degradava (MARTINS, 2001; 2003).

O esporte era um elemento que integrava o ideal de vida moderna. As revistas do início do século, como a *Sports*, revista elegante, impressa em duas cores, estava na vanguarda do periodismo esportivo (MARTINS, 2001) eram reflexo dos grupos que as produziam e da elite letrada que as consumia. Martins, entretanto, nos atenta para o fato de que, em contraponto ao “luxo” da revista, surgia, no mesmo ano de seu lançamento (1919), o personagem Jeca Tatu, símbolo de um país rural e enfraquecido:

[...] editada no pós-guerra, quando se intensificara no País a divulgação da educação física como **regeneradora da raça**, o lançamento da revista coincidia, cronologicamente, com a veiculação de *Urupês* [1918] e *Idéias de Jeca Tatu* [1919] de Monteiro Lobato, personagem considerado, para dissabor de nossa elite, o tipo de brasileiro por excelência. **As Idéias de Jeca Tatu e Sports**, livro e revista, ambos de 1919, ironicamente, complementavam-se, aquele revelando a debilidade do “tipo nacional” e esta buscando a sua “transformação”, procurando “ver virtudes a causa da educação física no Brasil, que tanto exige e precisa dessa vitória” (MARTINS, 2001, p. 352, grifos da autora).

A imagem do Jeca como o “tipo nacional” deveria, segundo a elite intelectual brasileira, ser substituída o mais rapidamente possível por um novo tipo “moderno”, forte, saudável, ágil, e o exercício físico era um dos caminhos para alcançar este objetivo. Este ímpeto modernizador encontrava expressão nos distintos periódicos que circulavam em São Paulo — e em outros centros urbanos —, que em seus esforços por justificar a ginástica e os esportes como práticas regeneradoras da saúde e educadoras das virtudes utilizavam-se de nomes reconhecidos especialmente no âmbito da ginástica. Entre estes autores de referência que circulavam na imprensa, encontramos o francês Georges Hébert, criador do Método Natural de ginástica.

Se Hébert apresentava um posicionamento tão cauteloso e crítico frente ao esporte, de que maneira a imprensa utilizava-se de seu nome como referência para justificar esta prática no Brasil? Os estudos de Soares (2003) e Gleyse, Soares e Dalben (2014) discutiram, inicialmente, a recepção de Hébert em periódicos brasileiros especializados em educação física publicados na década de 1940, como a *Revista Educação Physica* (1940-1943), mas nenhum deles tomou como objeto de análise as menções a Hébert na imprensa esportiva de grande circulação. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar os vínculos estabelecidos na imprensa esportiva nacional entre Georges Hébert e os argumentos em defesa do esporte como prática de regeneração da saúde e educadora das virtudes.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa utilizamos os periódicos: *O Imparcial* (1923), *Correio da Manhã* (1925), *Jornal do Brasil* (1927) e *Jornal dos Sports* (1931), *Athletica* (1933), encontrados no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹. Dada a amplitude do acervo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, utilizamo-nos dos estudos sobre periodismo realizados Martins (2001) e Pereira (2000) para identificar quais seriam os principais títulos da “grande imprensa” que circularam no país no período recortado, limitando-nos, assim, aos títulos acima mencionados. Uma vez determinados os periódicos a serem estudados, empregamos nas bases de dados os seguintes termos: Hébert; método natural – método natural; ginástica natural – gymnastica natural, e assim encontramos os artigos que aqui analisamos. A delimitação temporal aqui utilizada é decorrente das próprias fontes analisadas, nas quais a maioria das inserções que vinculavam o nome de Hébert às práticas esportivas se concentrou entre as décadas de 1920 e 1930.

Zicman (1985) afirma que uma das vantagens de se tomar a imprensa periódica como fonte para a pesquisa histórica é o fato de que jornais e revistas funcionariam como uma espécie de “arquivo do cotidiano”, que nos permitiria estabelecer uma cronologia dos fatos estudados e a localização destes fatos em um cenário mais amplo, colocando-os em diálogo com diferentes acontecimentos que compunham a atualidade de seu período. Entretanto, como aponta De Luca (2008), a utilização de jornais como fontes de pesquisa apresenta grande complexidade, pois há uma série de fatores que influenciam os bastidores destes jornais e, portanto, suas respectivas linhas editoriais e perspectivas. Por outro lado, estes materiais nos apresentam uma ampla gama de dados que nos permitem avaliar aspectos da vida social, cultural, econômica e política das comunidades que os produziam. Tomando como exemplo a imprensa operária, esta autora afirma que

Dados acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação (DE LUCA, 2008, p. 119).

Questões que envolvem discussões sobre raça, etnia, lazer, sociabilidades, práticas cotidianas, modos de vida, produção intelectual, etc., podem também ser respondidas por meio das pesquisas nos mais diversos tipos de periódicos. Em nosso caso, os estudos dos processos de urbanização e

¹ Para maiores informações consultar o site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

transformações das cidades, a difusão de novos costumes, hábitos de vida, valores e aspirações constituíam pontos de interesse, uma vez que a difusão de artigos, notas e perfis que veiculavam o nome de Georges Hébert aconteceu em um momento em que a disseminação da imagem do *sportman* se fazia importante nesse Brasil que se pretendia moderno.

O ESPORTE NA OBRA DE GEORGES HÉBERT

O esporte é, por essência, o verdadeiro educador. Ele é, antes de tudo, dominado pelo princípio de **utilidade**, que o mantém no caminho certo e impede que ele desvie para a fantasia, para o artificial ou para o uso vão da força (HÉBERT, 1946, p.33, grifo do autor).

Oficial da Marinha francesa, Georges Hébert (1875-1957) nasceu no seio de uma família parisiense de comerciantes de cavalos; por meio da convivência com o avô paterno —Victor Hébert — tornou-se um leitor assíduo de livros de viagens e de aventuras, no tempo das grandes exposições etnográficas e coloniais francesas (PHILIPPE-MEDEN, 2017, p. 40-41). Em missão viajou por diferentes países — especialmente a Martinica francesa —, entre os anos de 1895 a 1901, nos quais observou com atenção os hábitos e a constituição física de suas populações locais. A força e a beleza dos traços corporais dos indivíduos observados nestas viagens foram certamente, uma importante influência para a elaboração de seu Método Natural. Os “selvagens”, como os chamava, o surpreenderam:

o homem no estado natural, o selvagem, por exemplo, obrigado a levar uma vida ativa para sobreviver às suas necessidades, realiza esse desenvolvimento físico integral ao executar unicamente os exercícios naturais e utilitários — caminhada, corrida, salto, “trepar”, “levantar”, “lançar”, natação, defesa etc. — e ao se consagrar às tarefas mais comuns (HÉBERT, 1909, p. 1).

Estas observações, entretanto, não se referiam apenas aos homens. Também as mulheres eram observadas com atenção por Hébert em suas viagens, e a figura da “*pourteuse-sur-tête*”, por exemplo, mulher que transportava o carvão na cabeça durante o período colonial, tornou-se seu modelo para pensar uma Educação Física feminina muito distinta daquela em voga nos sistemas ginásticos difundidos no período, afirmando que as mulheres deveriam ser submetidas aos mesmos tipos de exercícios que os homens, como subir em árvores e cordas, nadar no mar, lutar, equilibrar-se, correr, carregar pesos e transpor obstáculos.

Em sua carreira na marinha Hébert presenciou a erupção do vulcão *Monte Pelée*, em 1902. Na ocasião, dirigiu a operação de salvamento às vítimas desse desastre — que matou mais de 30 mil

peças na capital da Martinica — e, assim, teria percebido a lacuna que existiria na formação da juventude frente à uma situação de catástrofe, ou mesmo de guerra. Esse fato teria lhe proporcionado a compreensão de que a força humana não teria utilidade se não fosse para servir à coletividade, influenciando em seu intento de construir uma prática ginástica que levasse em conta a força útil e o altruísmo (DELAPLACE, 2005). Nesse sentido, ao desenvolver seu método — ainda atuando na Marinha Francesa—, Hébert pensava que a Educação Física deveria ter como finalidade o desenvolvimento de homens e mulheres fortes, a partir de uma proposta “sistemizada, praticada em pleno ar, em qualquer estação do ano, que concorrerá para criar essa força física e moral” (SOARES, 2003, p. 32) e que, considerada de maneira ampla, corresponderia a:

1º a **cultura puramente física**, ou seja, o desenvolvimento de todas as partes do organismo: pulmões, coração, sistema muscular; o aperfeiçoamento das aptidões em todos os gêneros de exercícios naturais e utilitários, 2º a **cultura viril**, ou seja, o desenvolvimento de qualidades de ação, tais como: a energia, a vontade, a coragem, o sangue frio e, em geral, tudo o que ajuda na formação do caráter. (HÉBERT, 1918, p. 5-6, grifos do autor).

Ao longo dos anos, Hébert conquistou notoriedade na França e publicou — entre os anos de 1905 e 1959 — numerosos livros e artigos sobre a ginástica e o Método Natural, que circularam em diferentes países, inclusive no Brasil. Em sua produção, além de apresentar e sistematizar seu método de ginástica, posicionou-se com fortes críticas frente ao esporte, as quais podem ser encontradas, por exemplo, em *Le Sport Contre l'Education Physique*, publicado em 1925. Apesar de não ser contra o esporte em si, atacava os rumos que estavam sendo tomados por este fenômeno, cada vez mais vinculado ao espetáculo, à mídia, à propaganda, e à busca desenfreada por recordes.

O esporte foi um tema caro a Hébert em grande parte de sua obra, sobretudo no livro *Le Sport Contre l'Education Physique* (1925). Ele o comparava a um navio superaquecido ou mesmo a um carro sem freios, que fatalmente teria um fim perigoso. Assim, era necessário produzir freios morais para conter a potente máquina humana (HÉBERT, 1946). Para tanto, o sistema de avaliação física dos alunos, criado por ele na obra *Code de la force* (1911), fora pensado sob uma vertente inversa à lógica esportiva, colocando os mais frágeis no topo e os campeões embaixo. Em outras palavras, Hébert condenava o modelo competitivo em todos os seus aspectos, desde a organização, passando pelos princípios e por toda a fantasia e a visibilidade que ele acreditava que levaria os atletas, incompletos e vaidosos, a se exibirem nos grandes eventos esportivos do século XX.

Os Jogos Olímpicos Modernos, para Hébert, eram o grande símbolo deste modelo: o registro do recorde, os feitos esportivos, o heroísmo, a coragem, as grandes conquistas humanas e a

necessidade de superação de um tempo ou de uma marca, caíram nas graças do grande público e popularizaram esses eventos, que se tornaram, de acordo com Vigarello (2011a, p.448), “cerimônias feitas para inflamar o entusiasmo e a admiração”. Vigarello nos ajuda a refletir sobre o tema ao escrever acerca da criação de um “Olimpo heroico”, que superaria os antiquados pressupostos morais. Ele afirmou que as práticas geradas pela sociedade industrial, e sua nova distribuição do tempo, olham em direção a um corpo mais eficaz e mais produtivo. Neste sentido, segundo este autor, “o esporte põe em confronto com o imaginário do desenvolvimento e do progresso, com um ‘mais’ sempre ultrapassado: esta ‘tendência para o excesso’ em que Pierre de Coubertin identifica ‘nobreza e poesia’” (VIGARELLO, 2011a, p. 450). O esporte criou espaços de “heroização”, que seriam um modo próprio de reescrever e de legendar essa “nova” sociedade, e confirmariam os valores e as escolhas do início do século XX (VIGARELLO, 2002, p. 9). E era justamente a estes espaços de “heroização”, a essas tendências ao excesso, que Hébert se opunha veementemente.

O excerto que inicia esta seção mostra que o esporte poderia ser compreendido no âmbito dos princípios hebertistas desde que fosse praticado dentro de uma medida adequada. Uma vez que excedesse estes limites e se rendesse às exibições públicas e competições, deixaria de ser benéfico, tornando-se uma prática nefasta. Convicto de seus princípios, afirmava que o exagero revelado nas competições desenvolvia sentimentos egoístas, dominadores e excessivos; acreditava que o esporte era moralmente maléfico se tivesse um fim em si mesmo; assim, ao ambicionar a vitória e o ganho financeiro, perderia sua ação educativa e se tornaria apenas um mal social (HÉBERT, 1936). Entretanto, o próprio Hébert, com os testes e fichas de avaliação de cada um de seus alunos – do Colégio de Atletas, por exemplo –, adotava registros de marcas e tempos, o que confirma que ele não estaria imune às metodologias de seu tempo (JUBÉ, 2017).

Hébert distingue o esporte da prática física ao valorizar o exercício em si. A natação, as lutas e os jogos coletivos propriamente ditos, livres do modelo esportivo, teriam finalidades úteis, racionais e altruístas que colaborariam para a formação de atletas completos e, assim, se tornariam os verdadeiros educadores. Dessa forma, é possível observar que o autor tinha uma percepção muito particular sobre o esporte, assim como sobre a Educação Física e ginástica:

Esporte. - Todo gênero de exercício ou atividade física visando à obtenção de uma performance e cuja execução se baseia essencialmente na ideia de luta contra um elemento definido: a distância, a duração, um obstáculo, uma dificuldade material, um perigo, um animal, um adversário, e por extensão, nós mesmos. [...] Educação Física. – Ação metódica, progressiva e contínua, desde a infância até a idade adulta, destinadas a assegurar o desenvolvimento físico integral; aumentar as resistências orgânicas; destacar as aptidões em todos os gêneros dos exercícios naturais e utilitários indispensáveis (caminhar, correr, saltar, quadrupedar, escalar, equilibrar, levantar, lançar, defesa, natação); de desenvolver a energia e todas as outras

qualidades de ação ou viris; finalmente, de subordinar todo o acervo, físico e viril, à uma ideia moral dominante: o altruísmo. [...] Ginástica. - Arte de exercitar, para fortalecer o corpo. Ou ainda, a ciência racional dos nossos movimentos (Amoros) (HÉBERT, 1946, p. 7-19, grifos do autor).

A corrida, as lutas e a natação, por exemplo, deveriam ser orientadas pela beneficência, pela moral e pelo altruísmo, pois esses princípios preservariam o que realmente importa, isto é, o próprio exercício. Ainda segundo Hébert, a ginástica, em especial, seria um elemento essencialmente educativo designado para evitar os excessos das práticas esportivas. Essa organização de ideias e fundamentos representava o que Vigarello (2011b, p. 208) chamou de “fascínio da tecnicidade dos gestos”, muito popular no século XX, e que se acumulava nos textos sobre o esporte, em forma de inventários minuciosos e dispositivos calculados.

A Educação Física, como vista no excerto anterior, seria uma ação educativa que privilegiaria a ordem, a regularidade e a progressão; sob a perspectiva hebertista, ela promoveria a harmonia das funções, das formas, da saúde e da beleza. Nesse sentido, à Educação Física caberia o papel de responsável pelo desenvolvimento integral de seus praticantes. Além disso, quando associada a uma alimentação vegetariana e aos banhos de sol e de ar, por exemplo, seria uma consequência de todo um regime de vida, promotora do desenvolvimento integral, responsável por estabelecer as resistências orgânicas, as imunidades naturais e as qualidades de ação ou viris (HÉBERT, 1946, p. 13-15). Para Hébert, a diferença entre Educação Física e Esporte estava nos usos dos exercícios físicos:

Educação física usa o exercício como um meio de desenvolvimento muscular e orgânico. Ela dosa os esforços fornecidos ou a quantidade de trabalho dispensada de acordo com as capacidades de cada um. O resultado puramente material do exercício e a performance permanecem nos limites inferiores ou médios, à medida que desenvolvimento não é suficiente. No **esporte, o exercício não é um meio, mas um fim.** A técnica é a única que importa. Corremos não para nos desenvolver, ou para aumentar a nossa resistência orgânica, mas apenas para realizar o melhor tempo em um determinado percurso; saltamos para chegar o mais alto ou o mais longe possível, etc. Procuramos antes de tudo, e às vezes imediatamente, o rendimento otimizado, sem nos preocuparmos com a dosagem, os efeitos bons ou maus, e nem mesmo as consequências imediatas ou a longo prazo sobre o organismo. (HÉBERT, 1946, p. 35-36, grifos nossos)

Hébert fora contundente ao afirmar que a Educação Física “usa o exercício como um meio de desenvolvimento muscular e orgânico” e se preocupou com sua dosagem e com os limites individuais; por outro lado, o Esporte, tendo o “exercício como um fim em si mesmo”, seria potencialmente perigoso e imediatista, uma vez que não se interessava pelo desenvolvimento orgânico do indivíduo, apenas pela obtenção de determinado tempo ou recorde. Já a ginástica, de

inspiração amorosiana, abrangeria todos os tipos de exercícios, sem restrições. A palavra “ginástica” somente exprimiria a ideia de “exercícios gerais” e, por isso, apareceu em suas publicações com variadas tipificações, tais como: natural, de mãos livres, de defesa, respiratória, corretiva, ortopédica, de força etc. (HÉBERT, 1946). Essas diferentes formas e finalidades da ginástica são o arauto da modernidade, operacionalizando as novas demandas de beleza, e do corpo tecnicizado (VIGARELLO, 2002; 2006). Em complemento a esta ideia, Soares afirma que

a Ginástica é personagem da vida urbana, dos novos códigos que ali se instalam, afirmam-se, multiplicam-se. Dos poderes e saberes que esse novo centro de poder gera sobre a vida das populações. A cidade necessita de novos corpos, pois impõe necessidades antes inexistentes e inéditas, tais como tempos mecânicos, gestos precisos, velocidade de ação, sincronia de movimentos, regulação de mecanismos e atitudes íntimas, automatização de gestos, de comportamentos e reorganização das sociabilidades. Protagonista da cidade, a ginástica é personagem central deste novo cenário educativo, desta nova ordem normativa e mesmo disciplinar em que o corpo é a superfície de inscrição mais imediata de novos códigos e comportamentos (SOARES, 2009, p. 146).

A modernidade e as inspirações advindas dos tempos da *Belle Époque* transpuseram as distâncias e chegaram ao nosso país também por meio da imprensa. A ginástica, representante maior da urbanidade e dessa nova ordem, foi vinculada de diversas maneiras às práticas esportivas no Brasil do início do século XX. A imprensa nacional e a literatura especializada tomaram o esporte como uma de suas temáticas centrais, buscando constantemente o respaldo de métodos consagrados na Europa e utilizando-se das ideias hebertistas de formas muito variadas, indicando, assim, múltiplas compreensões e recepções acerca dos escritos de Hébert.

Hébert e a discussão sobre o esporte nos jornais brasileiros

Em suas obras, Hébert defendia uma série de atributos que deveriam ser formados a partir dos exercícios físicos, como beneficência, moral, altruísmo, força, agilidade e sangue-frio, os quais foram importantes para a popularização e aceitação de suas ideias no Brasil. Muitos dos argumentos utilizados em *Le Sport Contre l'Éducation Physique* (1925), por exemplo, foram empregados em nosso país como argumento de autoridade em diversas situações, e seus princípios repercutiam especialmente para a condenação do esporte, fenômeno que para estes críticos era carregado de perigos morais, físicos e sociais. Nos periódicos aqui analisados, todavia, observa-se diferentes aproximações entre Hébert e o esporte. Associações esportivas e figuras importantes deste meio apoiavam seu método e elogiavam sua proposta de treinamento, usando-o como uma referência para

legitimar a prática esportiva. Isso fica visível, por exemplo, em nota publicada no jornal *O Imparcial* (1923), segundo a qual

a natação é um exercício por excelência. “A natação constitue o mais completo de todos os exercicios. Um exercicio completo deve ser ao mesmo tempo ‘hygienico, esthético e utilitário’; deve desenvolver a força muscular propriamente dita, bem como a força de resistencia e fazer adquirir a agilidade tanto quanto a energia moral. A natação satisfaz a todas estas condições: 1º - Seu ‘efeito hygienico é intenso’: ella activa as grandes funções do organismo, particularmente a respiração; lava a pelle e a preserva do frio; emfim ella é feita a pleno ar. [...] 2º - Sua acção ;e muito eficaz sobre a “ampliação do thorax e augmento” da capacidade respiratória [...] 3º - Ella tem egualmente uma acção muito intensa sobre o “desenvolvimento da musculatura interna, por isso que exige contacções musculares variadas dos braços, das pernas, do tronco e da cabeça [...] 4º - A natação exige para ir longe e depressa uma “coordenação perfeita dos movimentos” e um rithimo apropriado. 5º - Os exercicios difficeis do mergulho e do salvamento desenvolvem evidentemente a “agilidade”, o “sangue-frio”, a “coragem” e a “confiança em si mesmo”. 6º - Emfim, todos os exercicios do nado são duma “utilidade incontestavel”. **Assim falou Georges Hébert, um dos vultos de mais destaque da marinha de guerra da França e director tecnico do Collegio de Athletas de Paris...** (O IMPARCIAL, quarta-feira, 07 de fevereiro de 1923, p. 8, grifo nosso)

Ao argumentar sobre a importância da natação, o autor desta nota de *O Imparcial* elenca uma série de princípios físicos e morais vinculados às ideias hebertistas, tais como higiene, utilitarismo, agilidade, resistência, energia moral, coragem, sangue frio, autoconfiança, em uma argumentação coerente com a proposta original deste autor. Outros periódicos também destacam a natação como esporte de grande valor higiênico, sendo considerado uma das formas mais completas de exercícios físicos não apenas para homens, mas também para as mulheres.

Figura 1 - As nadadoras modernas têm muito mais liberdade de movimentos e mostram o sorriso e a alegria de viver!



Fonte: ATHLETICA, 1933, n.3, p.2)

Outros artigos que se apropriaram do nome de Hébert como referência, entretanto, o fizeram para dar suporte ao modelo competitivo, em uma contradição fundamental com seus ideais. Esta contradição entre as ideias defendidas por Hébert e a maneira como foram utilizadas nestes jornais pode ser explicada quando observamos a verdadeira “febre esportiva” que invadia a sociedade, por esse movimento notório entre os anos de 1920 e 1930 que defendia o engajamento corporal para que o homem encontrasse sua plenitude para a realização de seu destino. A “civilização esportiva” seria aquela em que o homem — bravo e de ação —, e suas doutrinas e filosofias inspiradas em princípios esportivos, seriam consideradas à medida que moveria e guiaria os indivíduos (SEVCENKO, 1998, p. 569). Desse modo, quando identificamos nas fontes os limites à proposta original de Hébert, percebemos que em muitos casos se tornava mais importante legitimar o esporte do que ser fidedigno a qualquer autor; e que os usos das ideias de Hébert assumem no cenário nacional mais um caráter de retórica legitimadora do que de uma técnica específica de treinamento ou mesmo uma concordância com as críticas que o autor fazia ao esporte (JUBÉ, 2017). Isso pode ser observado, por exemplo, no caderno *Diário desportivo*, do *Jornal do Brasil*, em uma nota sobre o “Campeonato de Bola Americana” que se encerrava no dia 08 de novembro de 1927, nas escolas primárias do Rio de Janeiro, e anunciava:

[...] O jogo de Bola Americana de facil conhecimento, adequado aos nossos infantis, desperta grande entusiasmo nas escolas sendo um optimo facto que a **Comissão de Educação Physica** emprega com os melhores resultados. **O methodo natural de Hebbert é este jogo quasi tido posto em pratica obtendo ainda outros processos educativos**, pois que além de saltar, correr, movimentar e arremessar, o collegial desenvolve a capacidade de observação rápida, tirando proveito das falhas do adversário e, o principal, adquirindo o espirito de lealdade e cavalheirismo para com os adversários, e aprendendo a trabalhar em comum, para o ganho da mesma causa. Foi um dos mais proveitosos o campeonato jogado, pois que os optimos resultados vieram demonstrar o gráo de desenvolvimento que atingiram os collegiaes, pondo em prática technica de lances e jogadas difficeis só possíveis a quem está em excelentes condições phycas (JORNAL DO BRASIL, quarta-feira, 16 de novembro de 1927, grifos nossos).

A proposta de Hébert surgia como um elemento que respaldava a prática da “Bola Americana”. Com efeito, o jogo tinha seu valor e era adequado às crianças por ter elementos semelhantes àqueles existentes no Método Natural, uma vez que seus elementos ofereceriam às crianças princípios físicos e educativos de grande valia. A “Comissão de Educação Physica” em questão era, possivelmente, aquela vinculada à Associação Brasileira de Educação (ABE)², com o nome de *Secção de Educação Physica e Higiene* (SEPH), que funcionou de 1926 a 1937. Os integrantes dessa Sessão eram, em sua maioria, ligados à Instrução Primária e, inclusive, eram diretores de escolas, ou mesmo de distritos³. Outro elemento importante a ser considerado é que, mesmo que não tenhamos encontrado o Método Natural nos relatos oficiais da Educação Física, ele tinha sua relevância no interior de suas instituições e publicações devido, principalmente, à sua ligação direta com o *Règlement Général* (1929) francês.

Nesse momento o esporte, a exemplo do “Bola Americana” praticado nas escolas do Rio, era percebido como elemento importante para a educação dos brasileiros. Linhales (2006) afirma que, a partir da década de 1920, os projetos e prescrições relativos à escolarização do esporte ganharam maior destaque entre os educadores. Assim,

o esporte se apresentava como um elemento educativo, um modelo pedagógico capaz de incrementar, dentre outras coisas, o sentido de coletividade e o aprendizado da vida social moderna. Uma promessa de aperfeiçoamento do povo ou, dito de outra

² Sobre os estudos relacionados à Associação Brasileira de Educação destacamos as publicações de Meily Linhales, que estudou esporte e a educação escolar no âmbito das práticas discursivas e institucionais produzidas pela ABE, entre os anos de 1920 e 1930. Alguns de seus textos importantes sobre o assunto são: A escola e o esporte: uma história de práticas culturais (2009a); Pensar a educação do corpo na e para a escola: indícios no debate educacional brasileiro (1882-1927) (2011); Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935) (2009).

³ Outras comissões, como aquela ligada ao Ministro da Guerra, Nestor Sezefredo, foram criadas somente em 1929 (LINHALES, 2009b).

forma, de “energização do caráter” dos brasileiros [...] a escolarização das práticas esportivas apresentava-se também como medida corretora do curso civilizatório, pois o esporte praticado pelo povo era considerado repleto de vícios e deformações. (LINHALES, 2006, p. 244)

O esporte como experiência moderna deveria estar relacionado diretamente à escola para que assim pudessem compor o projeto de “renovação pedagógica”. O esporte na escola que se pretendia moderna, ativa, eficiente e tecnológica, fora anunciado como conteúdo, como método de ensino e como uma finalidade educacional dentro de um conjunto de valores e atitudes a serem prescritos. Ao ganhar, então, a forma escolar, ele estabelece relação com a proposta de regeneração social pela educação. (LINHALES, 2006)

Nas fontes elencadas para este estudo, a temática do “revigoramento físico” contra a “degenerescência da raça” foi um assunto recorrente, e os periódicos frequentemente associaram a prática esportiva — salvadora do futuro da pátria — ao Método Natural. *O Jornal dos Sports*, em 1931, publicou a matéria “Necessidade dos exercicios phisicos”, assinada por Decio Ferraz Alvim, apresentado pelo periódico como “pioneiro do atletismo acadêmico em São Paulo”, escritor e entusiasta do tênis. Alvim discorreu sobre o depauperamento do homem moderno, que pouco se locomovia em decorrência do progresso que atingia os meios de transporte e de trabalho, deixando a vida diária excessivamente cômoda:

Para combater esta degenerescencia physica actual, tem-se organizado em todos os paizes civilizados, a luta contra a cultura intellectual intensa e, ao mesmo tempo, contra a falta de exercicios phisicos, provocando o desequilibrio das funcções organicas. Entre outros, tem-se destacado nesta campanha Fernando Widal, M. Heckel, Ling, Jahn, Amoros, Lagrange, Demeny, *Hebert*, etc. [...] A saude, a resistencia, a força, a energia, resultam do paralelismo ente a forma e as funcções organicas [...] Sejam todos dedicados apóstolos dos exercicios phisicos, para que a nossa raça possa se apresentar ao mundo, tal qual deve ser, forte, destemida e respeitada” (JORNAL DOS SPORTS, sexta-feira, 20 de novembro de 1931, p. 2;4, grifo nosso).

Hébert aparece citado nesse excerto entre os mais importantes nomes da ginástica no cenário europeu no combate à decadência física. A degenerescência causada pela falta de exercícios físicos e de uma alimentação adequada, pelo clima, pela falta de noções de higiene e também pela ausência de bons hábitos de vida, seria perigosa para o futuro do país. Os argumentos levantados por Alvim foram capazes de unir o discurso de melhoramento da raça e os princípios de força, resistência, saúde e energia do Método Natural a pensadores com propostas opostas, como Ling e Jahn. O próprio fato de o autor apontar estes nomes do início do século XIX como indivíduos que “tem-se destacado” na campanha em favor dos exercícios físicos demonstra um indício de que, de fato, o que lhes

interessava era afirmar que havia certa fundamentação para o que propunham, ainda que isso significasse a utilização de autores com concepções de ginástica bastante distintas, ignorando suas diferentes fundamentações. Nesta nota do *Jornal dos Sports* (1931), Hébert esteve ligado a nomes franceses da mesma maneira que em nota publicada pelo *Correio da Manhã* (1925) — em seu caderno *Correio Sportivo* — que fazia referência a Demenÿ. O *Correio* ainda exibiu a transcrição de um relato sobre o Club Athletico Paulistano, publicado originalmente na revista francesa *L'Escrime et le Tir*, assinado René Besse⁴. A nota anunciava as qualidades do clube brasileiro e de seus jogadores em uma partida contra o Futebol Clube de Rouen, ocorrida na França.

Uma valiosa opinião sobre “O Paulistano” na Europa — “No esplendido mensario ilustrado ‘L’Escrime et le Tir’, uma das mais conceituadas revistas de educação physica da França, o comandante René Besse, secretario do famoso tenente da marinha Georges Hébert, autor de não menos afamado ‘Methodo Natural’, escreve mais o seguinte sobre a estada do Club Athletico Paulistano na Europa, onde tão belos sucessos obteve (CORREIO DA MANHÃ, quarta-feira, 01 de julho de 1925, p. 7).

Besse se mostrou apreciador das virtudes técnicas e físicas dos brasileiros que, mais habilidosos e precisos, faziam um jogo agradável aos olhos do público. Eles foram considerados “realmente atletas” possuidores de “perfeição physica” admirável. Os clubes paulistas, como o Club Athletico Paulistano, São Paulo Athletic, Associação Athletica Mackenzie College, Sport Club Germania, Sport Club Internacional, segundo Franzini (2009), eram representantes das frações da alta sociedade paulistana. Conforme afirma Góis Júnior (2013, p. 103), nessa “versão paulistana da ‘belle époque’, as práticas esportivas tinham uma representação intimamente ligada ao lazer, ao tempo livre, enfim, aos divertimentos”, e era neste cenário associativo esportivo que elas ajudavam a construir novas formas de sociabilidade. Esses clubes da elite, ao mesmo tempo em que serviam como locais de interações específicas de determinados grupos, como anglo-brasileiros e imigrantes alemães, também começavam a incorporar em seus quadros de associados os filhos das famílias mais distintas e tradicionais da cidade (FRANZINI, 2009, p. 116). Assim, cumpriam no Brasil a mesma função de criação de laços e interações para além do âmbito familiar, criando “um universo social fora das células domésticas auto-abrangentes”, como proposto por Hobsbawm ao analisar a emergência do esporte moderno na sociedade inglesa do século XIX (1988, p. 257).

É significativo, sobretudo, que Hébert apareça ligado a uma publicação relativa aos Clubes e que seu nome fosse disseminado juntamente com as práticas esportivas em ascensão. Esse fato nos fornece vestígios de que os clubes poderiam ter sido mais um meio de divulgação da obra de Hébert.

⁴ René Besse foi cronista esportivo da revista *L’Escrime et le Tir*, responsável pela coluna *Education Physique et Sports*. O *Correio Sportivo* atribuiu a ele o cargo de secretário de Georges Hébert.

Regado a uma euforia cultural, o período fomentava o consumo e o modelo de vida europeu, e o autor poderia se encaixar como um “ícone europeu” de que os brasileiros lançavam mão para legitimar a escolha de um determinado esporte ou uma prática de divertimento (JUBÉ, 2017). Entre as diferentes práticas esportivas que conquistavam espaço na sociedade brasileira, o futebol, que começava a se organizar mais formalmente no início do século XX, com as primeiras ligas de clubes e o primeiro campeonato paulista, datados de 1901, ganhava popularidade e prestígio nacional alavancado pelas elites locais. Nesse contexto associativo, o que se enfatizava não era a importância das práticas físicas para o desenvolvimento da raça, mas sua capacidade de promover o intercâmbio entre a mocidade por meio das partidas organizadas pelos clubes (FRANZINI, 2009). Na matéria em questão, Besse, além de ter tido contato com os jogadores através dessa partida de futebol, obteve maiores informações sobre nossa realidade por meio de um colega brasileiro, Dr. Netto. Em seu relato, afirmou que

[...] Soube assim que os exercícios naturaes, a corrida de obstaculos, o salto e a natação têm lugar de honra no Brasil. A esgrima e a equitação fazem, igualmente, consideráveis progressos. A educação physica ainda não está officializada, mas o escotismo, instituição do Estado e os meninos e rapazes fazem excursões. Acampamentos e “raids”, alguns nas florestas virgens [...] Tudo isto constitue **uma verdadeira prática do methodo natural**, completada nos adolescentes pela pesca e pela caça. Os methodos analyticos e a gymnastica de aparelhos não têm sucesso algum no Brasil. Em compensação, **os trabalhos de Demeny e de Hebert são muito conhecidos e comentados** e as nossas revistas e jornaes sportivos lidos com grande interesse. Ouvindo um estrangeiro provar que conhecia os nossos melhores autores e louval-os francamente, foi coisa que me consolou um pouco de saber que aqui são tão criticados... (CORREIO DA MANHÃ, quarta-feira, 01 de julho de 1925, p. 7, grifo nosso)

É interessante observar que o relato do Dr. Netto, que inspirou a matéria de Besse, apresentava um cenário em que a Educação Física não estava oficialmente estabelecida no país, tendo em vista que o *Regulamento nº 7* só seria publicado nove anos depois, em 1934. Apesar disso, as práticas relatadas pelo brasileiro a Besse sugeriam que o Método Natural era aplicado em todo território nacional, e que Demeny e Hébert eram muito representativos em detrimento da ginástica analítica. Essa afirmação desconsidera completamente a disseminação que a ginástica alemã teve no Brasil por meio das associações fundadas por imigrantes (QUITZAU, 2016) e, principalmente, a relevância e notabilidade que o método sueco obteve no país, especialmente num âmbito mais oficial, uma vez que dentre seus apoiadores estavam Rui Barbosa, grande defensor do método de Ling — e de seu caráter científico —, e Fernando de Azevedo. Ambos, de acordo com Soares (2012), atribuíram à Ginástica Sueca uma adequação maior aos estabelecimentos de ensino, dado o seu caráter pedagógico. Essa defesa por parte desses intelectuais de épocas subsequentes serviu para propagar a Ginástica Sueca no Brasil (MORENO 2001; 2003; 2015). O artigo supervalorizou a presença do Método Natural, ao

menos no que se refere às menções em documentos oficiais; com efeito, pôde-se verificar que essa associação do nome de Hébert a outros métodos mais reconhecidos no Brasil, especialmente no caso de Ling, pode ter facilitado a recepção de suas ideias, pois, dessa maneira, Hébert passava a integrar o importante grupo de mestres da ginástica da Europa respeitados pelos intelectuais brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil das primeiras décadas do século XX era um país com um claro ideal modernizador. Em meio à discussão sobre quais seriam os rumos que deveriam ser tomados para alcançar este ideal, o exercício físico emerge como uma das ferramentas para garantir uma população forte, tanto em termos físicos quanto morais. O esporte transformaria o homem viciado e doente — à imagem do famigerado personagem de Monteiro Lobato, Jeca Tatu — em um verdadeiro *sportsman*.

Médicos, políticos e intelectuais brasileiros buscaram, nos referenciais europeus, aportes teóricos para justificar a inserção da ginástica e, posteriormente, do esporte no cotidiano brasileiro, e logo foram seguidos pela imprensa, onde notas escritas por distintos indivíduos defendiam o esporte como um dos caminhos mais profícuos para o bom desenvolvimento da população. Estas inserções nos periódicos são, portanto, uma interessante possibilidade para compreendermos como as ideias de diferentes referências sobre a ginástica e o esporte foram recebidas e circularam em nosso país entre um público mais amplo. Um dos autores veiculados nestes meios foi o francês Georges Hébert.

Quando analisamos a recepção da obra de Hébert no Brasil por meio dos periódicos aqui elencados, é possível observar certo entusiasmo com sua obra e suas proposições, mas, principalmente, usos e abusos de seu nome como um argumento de força para legitimar a prática dos exercícios físicos (JUBÉ, 2017). Percebe-se que os autores destes artigos e notas frequentemente vinculavam seu nome a práticas que ele não defendia e a outros autores e métodos ginásticos com os quais não possuía qualquer proximidade, ao contrário. Nesse sentido, o nome de Hébert, trazido como reconhecida referência a respeito dos exercícios físicos, se tornava um argumento de força na legitimação dos esportes no país — ainda que este autor tivesse duras críticas ao modo como o modelo esportivo vinha se desenvolvendo, ou seja, fortemente vinculado à competição. Da mesma forma, Hébert e seu Método Natural também apareciam atrelados a autores e métodos ginásticos completamente distintos e até opostos ao seu, em especial à ginástica sueca de Ling, em um movimento que, além de fortalecer os argumentos favoráveis à ginástica, garantiria ao Método Natural a racionalidade que, aos olhos de intelectuais brasileiros, lhe faltava.

REFERÊNCIAS

Fontes

AZEVEDO, Fernando. **Antinoüs**: Estudo da cultura athletica. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920.

HÉBERT, Georges. (1909) Guide pratique d'éducation physique. 2.ed. Paris: Vuibert et Nony, 1916.

_____. (1911) **Le code de la force**. Paris: Vuibert, 1914.

_____. (1913) **La culture virile et les devoirs physique de l'officier combattant**. Paris: Vuibert, [1918?].

_____. (1936) **L'éducation physique, virile et morale par la Méthode Naturelle**. Paris: Vuibert, 1941.

_____. (1925) **Le sport contre l'éducation physique**. 4.ed. Paris: Vuibert, 1946.

Periódicos

O Imparcial (1923)

Correio da manhã (1925)

Jornal do Brasil (1927)

Jornal dos Sports (1931)

Referências

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

DE LUCA, Tânia Regina. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p.111-153.

DELAPLACE, Jean-Michel. **George Hébert**: Sculpteur du corps. Paris: Vuibert, 2005.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto moderno. In. ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chegada do futebol. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade. (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p.107-131.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**. v. 19, n. 04, p. 95-117, out/dez de 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37530/27446>. Acesso em 06 nov. 2017.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; MELO, Victor Andrade; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n.º. 131, 2015, p.343-360.

GLEYSE, J, SOARES, C; DALBEN, A. L'œuvre de Georges Hébert au Brésil et en France dans les écrits sur l'Éducation physique. Deux facettes de la nature (1909–1957)? **Sport History Review**. Champaign, USA, v.45, n.2, p.171-199, nov. 2014.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 2004.

JUBÉ, Carolina Nascimento. Educação, Educação Física e Natureza na obra de Georges Hébert e sua recepção no Brasil (1915-1945). 2017. 284f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 266f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

_____. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Editora Cortez, 2009a.

_____. Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935). **Educar**, Curitiba, n. 33, 2009b. p. 75-91.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1920). São Paulo: Edusp, 2001.

_____. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História**. 2003, vol.22, n.1, pp. 59-79.

MELO, Victor Andrade et al. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor Andrade. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, Victor Andrade (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

MORAES E SILVA, Marcelo. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar**: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918) [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2011.

MORENO, Andrea. **Corpo e ginástica num Rio de Janeiro**: mosaico de imagens e textos. 2001. 246f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2001.

_____. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o 'não lugar' da ginástica sueca. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Autores Associados, v. 25, n.01, p. 55-68, 2003.

_____. A propósito de Ling, da Ginástica Sueca e da Circulação de Impressos em Língua Portuguesa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n.2, 2015, p. 128-35.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PHILIPPE-MEDEN, Pierre. **Du sport à la scène**: Le naturisme de Georges Hébert (1875-1957). Bourdeaux: Press Universitaires de Bourdeaux, 2017.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Associativismo ginástico e imigração alemã no Sul e Sudeste do Brasil (1858-1938)**. 2016. 242 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos, e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-519.

SOARES, Carmen Lúcia. (1994) **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 5. ed. revista. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____. Georges Hébert e o Método Natural: Nova sensibilidade, nova Educação do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.25, n.1, p.21-39, set. 2003.

_____. Da arte e da ciência de movimentar-se: os primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade. (Orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p.133-178.

VIGARELLO, Georges **Passion Sport. Histoire d'une culture**. Paris: Textuel, 2000.

_____. **Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'une mythe**. Paris: Editions du Seuil, 2002.

_____. A invenção da ginástica no século XIX: Movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.25, n.1, p.9-20, set. 2003.

_____. **História da beleza**. O corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. Estádios — o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do Corpo**: As mutações do olhar. O século XX. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011a, p. 445-480.

_____. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do Corpo**: As mutações do olhar. O século XX. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011b, p.197-250.

_____. Higiene do corpo e trabalho das aparências. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do Corpo**: da Revolução à Grande Guerra. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011c, p. 375-392.

ZICMAN, René Barata. História através da imprensa — algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, v.4, p.89-102, 1985.

NOTAS DE AUTOR

FINANCIAMENTO

Este artigo contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP/CAPES, processo no 2014/16989-4.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani de Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

HISTÓRICO

Recebido em: Novembro/2017

Aprovado em: Abril/2018